



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS LÍNGUA PORTUGUESA

ALANA ESCOCIO DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DOS PERSONAGENS SECUNDÁRIOS NA CONSTRUÇÃO DA
PERSONAGEM PRINCIPAL:** uma análise da obra “A Bolsa Amarela”, de Lygia Bojunga

São Bernardo - MA

2026

ALANA ESCOCIO DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DOS PERSONAGENS SECUNDÁRIOS NA CONSTRUÇÃO DA
PERSONAGEM PRINCIPAL:** uma análise da obra “A Bolsa Amarela”, de Lygia Bojunga

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado.

Orientador:
Prof. Esp. Paulo Henrique Carvalho dos Santos

São Bernardo - MA

2026

ALANA ESCOCIO DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DOS PERSONAGENS SECUNDÁRIOS NA CONSTRUÇÃO DA
PERSONAGEM PRINCIPAL:** uma análise da obra “A Bolsa Amarela”, de Lygia Bojunga

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em
Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, da
Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências
de São Bernardo, como requisito parcial para a obtenção
do grau de licenciado.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Esp. Paulo Henrique Carvalho dos Santos
(Orientador)

Ma. Maria do Socorro Nascimento da Costa
(1ª examinadora - Membro interno)

Dr. Edimilson Moreira Rodrigues
(2º examinador - Membro externo)

Dedico este trabalho àqueles que sempre sentiram orgulho das minhas conquistas: meus pais, Maria Cecília e Alan. Se realizo hoje este sonho, é porque vocês nunca deixaram de acreditar em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder sabedoria, amparo, força e por guiar meus passos ao longo desta caminhada. À Nossa Senhora, agradeço pela sua intercessão e proteção, que me permitiram chegar até aqui.

Aos meus pais, Maria Cecília e Alan, por serem minha força e meu exemplo. Obrigada por cada ensinamento, pelos cuidados, pelos incentivos e por fazerem de tudo por mim. Agradeço a minha irmã, Ana Mel, por ser alegria em minha vida e por ser minha grande amiga. Essa conquista é nossa. Amo vocês.

À minha madrinha, Joelma, pelas orações e pelos apoios: és um exemplo de mulher.

Ao meu namorado, Eric Andrade, por estar sempre ao meu lado, sendo um grande companheiro. Seu amor, paciência e incentivo foram fundamentais nesta jornada.

À minha prima, Layna Victorya, por sempre estar à disposição para me ajudar nesta jornada acadêmica.

Aos amigos que fiz durante a Universidade, do grupo que carinhosamente chamamos de “Salgados”, meu muito obrigada. Com vocês, essa caminhada tornou-se mais leve. Levarei vocês sempre comigo.

Ao meu orientador, Prof. Esp. Paulo Henrique Carvalho dos Santos, pela dedicação, paciência e pelos ensinamentos.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta conquista, minha sincera gratidão.

A INFLUÊNCIA DOS PERSONAGENS SECUNDÁRIOS NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM PRINCIPAL: uma análise da obra “A Bolsa Amarela”, de Lygia Bojunga

Alana Escocio da Silva (UFMA)¹

Orientador: Prof. Esp. Paulo Henrique Carvalho dos Santos (UFMA)²

RESUMO: O livro *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, publicado em 1976, aborda temas sobre a infância, autoconhecimento e a construção da identidade. Ele retrata sobre Raquel, uma menina que vive em conflito consigo mesma e esconde sua vontade de crescer, ser menino e ser escritora dentro de sua bolsa amarela. A garota mistura realidade e fantasia e encontra, ao longo da história, amigos que a ajudam nessa sua aventura de afirmação como pessoa. Este artigo tem como objetivo compreender como os personagens secundários contribuem para a construção identitária da personagem principal Raquel. A metodologia utilizada nesta pesquisa é de tipo bibliográfico e documental. Teoricamente, este trabalho está embasado em autores como Brait (1985); Cademartori (2010); Coelho (2000) e (2006); Colomer (2017); Hall (2006); Zilberman (2005) entre outros. Os resultados desta análise, mostraram que a obra possibilitou explorar sobre o processo de identidade e a infância, revelando ser uma etapa complexa e de construção social.

Palavras-chave: Literatura Infantil e Juvenil; Identidade; *A Bolsa Amarela*; Personagens.

ABSTRACT: The book *The Yellow Purse*, by Lygia Bojunga, published in 1976, explores themes of childhood, self-knowledge, and the construction of identity. It tells the story of Raquel, a girl who is at odds with herself and hides her desire to grow up, to be a boy, and to become a writer inside her yellow purse. The girl blurs the lines between reality and fantasy and, throughout the story, meets friends who help her on her journey toward self-affirmation. This article aims to understand how the secondary characters contribute to the identity formation of the main character, Raquel. The methodology used in this research is bibliographic and documentary. Theoretically, this study is grounded in the work of authors such as Brait (1985); Cademartori (2010); Coelho (2000) and (2006); Colomer (2017); Hall (2006); Zilberman (2005), among others. The results of this analysis showed that the work made it possible to explore the process of identity formation and childhood, revealing it to be a complex stage shaped by social construction.

Keywords: Children's and Young Adult Literature; Identity; *The Yellow purse*; Characters.

¹ Licencianda do Curso Interdisciplinar de Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no Centro de Ciências de São Bernardo (CCSB); E-mail: alana.escocio@discente.ufma.br

² Professor substituto no Curso Interdisciplinar de Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no Centro de Ciências de São Bernardo (CCSB); E-mail: phc.santos@ufma.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende discutir questões relacionadas à infância e à busca por identidade e, para isso, a literatura infantil e juvenil tem um papel fundamental para compreensão de tais questionamentos, uma vez que possui um campo fértil, na qual se pode investigar diversas abordagens relacionadas ao desenvolvimento da criança. Considerando esse aspecto, essa literatura é de grande relevância, pois permite que leitores embarquem em aventuras e histórias de autoconhecimento, leituras estas que encantam e nos fazem refletir sobre o que está a nossa volta.

Em diálogo com Cosson (2006), a literatura – e no nosso caso, a literatura infantil e juvenil – atua como uma ferramenta de autoconhecimento e de expressão do mundo ao seu redor, pois a partir dela o sujeito pode experimentar outras vivências e viajar para outras realidades apenas com o exercício literário, exercício esse que, entre tantos outros aspectos, ajuda-o a construir sua própria identidade e padrões de referências sobre e para o mundo que o cerca.

Nessa perspectiva, a pesquisa iniciou-se a partir do interesse em investigar sobre a infância na literatura infantil/juvenil e a respeito de como uma criança é tratada, se têm seus direitos, opiniões e vontades compreendidas. Assim sendo, definimos como objeto de análise o livro *A bolsa Amarela*, da autora Lygia Bojunga. A obra possui significativa relevância para a literatura infantil e juvenil brasileira, fazendo ser conhecida a história da menina Raquel, e que apesar de cinquenta anos de sua publicação, traz reflexões importantes e válidas para os dias atuais, como nos dizem os trabalhos realizados por Aline Chaves Bordignon (2023) e Vanessa Weber Sebastiany (2023). A autora Lygia Bojunga escreve seus textos narrativos com sensibilidade e profundidade, tratando de assuntos de caráter universal, próprios da literatura infantil e juvenil, possuindo uma linguagem clara e de fácil entendimento para o público.

No romance bojunguiano, publicado pela primeira vez no ano de 1976, somos apresentados a uma história que aborda sentimento, vontade, coragem e liberdade, mostrando-nos como é importante expor o que realmente estamos sentindo. A personagem principal da trama, Raquel, vive em conflito consigo mesma e sua construção é marcada pelas complexidades da infância e pelas pressões sociais que são impostas à garota.

O livro relata a história de uma menina que tem suas vontades reprimidas e as guarda dentro de sua bolsa amarela, o que dá título à obra. Suas vontades são três: de crescer, ser garoto e de ser escritora. Durante a narrativa, a garota encontra outros personagens, como os galos Rei (posteriormente se torna Afonso) e Terrível, a Guarda-chuva-mulher, um Alfinete de fralda e a

família da Casa dos Consertos. Estes personagens misturam realidade com fantasia e são fundamentais na afirmação de Raquel como pessoa e na sua jornada de autoconhecimento.

Considerando estes aspectos, buscamos responder ao seguinte problema de pesquisa: Como os personagens secundários contribuem para a construção da identidade da personagem principal Raquel? Assim, a partir desse questionamento, objetivamos analisar uma parte específica da obra, investigando os personagens secundários que coadunam o espaço da narrativa juntos da personagem principal e as influências sofridas por esta mediante as relações vivenciadas.

Para tanto, este trabalho tem como objetivos específicos: i) analisar a construção da identidade da personagem por meio de elementos simbólicos, como a bolsa amarela, o galo Afonso e Terrível, o Alfinete e a Guarda-chuva; ii) investigar como os personagens secundários influenciam no comportamento da personagem Raquel, principalmente a partir da personagem secundária Lorelai e sua família na Casa dos Consertos; iii) identificar as características que a protagonista adquiriu por meio dos personagens secundários.

A metodologia utilizada nesta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, comparativa e interpretativa, de tipo bibliográfica e documental. O quadro teórico delimita-se a partir de autores que tratam da temática da literatura infantil/juvenil e da construção da identidade, como: Bojunga (2010); Brait (1985); Coelho (2000) e (2006); Colomer (2017); Hall (2006); Zilberman (2005) e outros.

A pesquisa em literatura baseia-se em bibliografias, interpretações, hipóteses de leitura, entre outros. Durão (2015, p.382) afirma que “o cerne da pesquisa em literatura ‘acontece em torno da interpretação. Não há uma receita ou fórmula, nada dado de antemão que assegure um ato interpretativo eficaz”, ou seja, é o texto literário que sustenta e determina as análises do pesquisador.

A escolha da obra justifica-se por sua importância literária e pedagógica, uma vez que a narrativa explora temas universais e atemporais, como a busca por identidade, autoconhecimento, os desejos reprimidos, a autonomia e a liberdade, aspectos que contribuem para uma análise científica do livro. Assim, esta pesquisa contribui ao trazer uma nova perspectiva para a dimensão do universo infantil e juvenil, articulando saberes da literatura, da crítica literária e dos estudos culturais, especificamente através das análises dos personagens secundários e de como estes personagens são mediadores no processo de formação identitária da personagem principal Raquel.

O livro em cotejo possui uma linguagem fácil e acessível para todos os públicos, o que proporciona aos leitores uma visão sensível e reflexiva em relação a história contada. A obra

em si contribui para o meio social ao suscitar reflexões acerca de estruturas sociais, opressoras e tradicionais que afetam a criança, personificadas na figura dos adultos da própria família da menina.

Este trabalho está organizado em sessões que abordarão, primeiramente, acerca da revisão de literatura infantil e juvenil, seguida da metodologia da pesquisa, e da análise detalhada do livro *A Bolsa Amarela*, focando nos aspectos dos personagens secundários e na construção da identidade da personagem principal. Por fim, a conclusão do trabalho, fechando as ideias que serão expostas.

2 PANORAMA DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

De início, a literatura infantil e juvenil no Brasil foi pensada para o ensino das crianças com lições de moral, adaptadas para o contexto social, cultural e ideológico de cada época, apresentando um caráter mais pedagógico do que lúdico. Com as publicações do autor José Bento Monteiro Lobato, esta categoria de literatura ganha um outro espaço. Para a autora Nelly Novaes Coelho, em *Literatura Infantil: Teoria, Análise e Didática* (2000), “foi Monteiro Lobato que, entre nós, abriu caminho para que as inovações que começavam a se processar no âmbito da literatura adulta (com o Modernismo) atingissem também a infantil” (Coelho, 2000, p.138). Segundo a autora, a escrita lobatiana trouxe novos olhares para a escrita da literatura infantil/juvenil, adaptando-a uma linguagem mais acessível, ressignificando, portanto, a sua natureza, já que até então essa literatura servia apenas como um exemplar de modelos de comportamentos a serem seguidos.

No que tange a produção de literatura para crianças no Brasil, Monteiro Lobato foi o pioneiro nessa vertente. Segundo Coelho (2006), a literatura destinada para crianças e adolescentes pode ser dividida em um período antecedente a Monteiro Lobato, o período pré-lobatiano (1808-1919); o lobatiano (1920-1970), com as publicações do autor e demais escritores que contribuíram significativamente para este campo, como Lygia Bojunga Nunes; e o período sucessor, o pós-lobatiano (1970-2006).

A primeira fase, de 1808 a 1919, destina-se ao período em que os colonizadores chegaram ao país, trazendo narrativas de forma oral através de contadores de história. Assim, pensando na educação dos filhos dos nobres habitantes, foram trazidas outras formas de literatura, como os livros adaptados e traduzidos a partir dos clássicos europeus. Nesse tempo, portanto, nascia no Brasil uma literatura infantil e juvenil destinada às crianças, que, para a sociedade da época, eram consideradas pequenos adultos (Coelho, 2000). Dessa maneira, é

notório que a literatura para crianças era pensada apenas como instrumento de caráter instrutivo e moralizante, sem levar em conta alguns dos aspectos que envolvem a imaginação e a criatividade dos menores.

A partir das publicações de Monteiro Lobato, o cenário da literatura infantil e juvenil ganha outro rumo. Segundo Coelho (2006), na década de 20, as obras do autor foram um divisor de águas, pois desmistificaram os estereótipos da época, contrapondo-se aos livros que imitavam o padrão europeu, trazendo aspectos nacionais em suas narrativas. No mesmo ano, Lobato inaugurou *A Menina do Narizinho Arrebitado*, surgindo então, a literatura infantil moderna brasileira. Segundo Zilberman (2005),

Graças à atividade de escritor em tempo integral, a literatura infantil apareceu no horizonte das editoras como um negócio rentável, razão por que elas se sentiram à vontade para publicar outros autores nacionais. Não fosse assim, elas abrigariam apenas autores estrangeiros em tradução ou facilitariam as adaptações de obras consagradas, como aconteceu no início do século XX (Zilberman, 2005, p. 34-35)

Em vista disso, Monteiro Lobato, com o sucesso de suas obras, conseguiu emplacar no mercado editorial outros escritores brasileiros da literatura infantil/juvenil. Logo, aumentaram a produção de livros infantis nacionais, com autores locais diversos, deixando de ter apenas livros traduzidos de obras estrangeiras.

Nas décadas de 1930 e 1940, além das produções de Monteiro Lobato, e dos clássicos que foram adaptados, houve uma expansão da literatura em quadrinhos, mas, no geral, predominou ainda o “imediatismo das informações úteis e da formação cívica” (Coelho, 2006, p. 48), isto porque, nesta época, o país passava por transformações sociais, econômicas e educacionais, o que influenciou as produções de literatura infantil e juvenil. Com o aumento da expansão escolar, as produções literárias também aumentaram, apresentando ainda um forte viés pedagógico.

Nos anos 1950 e 1960, na literatura infantil/juvenil “a fantasia é redescoberta, principalmente através da fusão do real e do imaginário [...]” (Coelho, 2006, p.51). Assim, as produções da época ganharam uma outra visão. Nestas décadas, o rádio e o cinema também tiveram força no universo das crianças, dando início a era televisiva. E, em 1960, há uma grande preparação da literatura para o que aconteceria na década seguinte.

Em 1970 houve um grande “boom” da literatura infantil. Nesta década, surgiram novos autores que exploram a criatividade, aspecto já cultivado nos anos anteriores, sendo construídos

[...] novos ventos criadores, novas palavras de ordem: o experimentalismo com a linguagem, com a estrutura narrativa e com o visualismo do texto; substituição da literatura confiante/segura por uma literatura inquietante/questionadora, que põe em causa as relações convencionais existentes entre a criança e o mundo em que ela vive, questionando também os valores sobre os quais nossa sociedade está assentada (Coelho, 2006, p.52).

A literatura infantil e juvenil passa a ser, então, um instrumento de provocação estética e social, com autores que escrevem suas obras com consciência crítica e criatividade, trazendo uma concepção inovadora para a produção literária. Coelho (2006) aponta que a forma de contar a história tornou-se tão relevante quanto o conteúdo, a ilustração ganhou cada vez mais espaço e importância, tanto quanto o texto literário. A literatura deixa de ser apenas um guia moral e passa a ser questionadora dos valores sociais historicamente construídos. Dentre os grandes nomes dos escritores desta década, temos Lygia Bojunga e sua obra *A Bolsa Amarela*.

Nos anos de 1980 e 1990, “[...] surgem os livros de histórias sem texto” (Coelho, 2006, p. 52), isto é, os livros com imagem obtêm maior espaço e aparecem cada vez mais nas produções literárias. Desse modo, também nascem novos artistas ilustradores, que ampliaram o universo infantil. A partir do histórico da literatura infantil/juvenil, percebemos que ela possibilita aos leitores outras percepções de mundo, e isso se deve porque

[...] a força educativa da literatura reside, precisamente, no que facilita formas e materiais para ampliação de possibilidades: permite estabelecer uma visão distinta sobre o mundo, pôr-se no lugar do outro e ser capaz de adotar uma visão distinta contrária, distanciar-se das palavras usuais ou da realidade em que alguém está imerso e vê-lo como se o contemplasse pela primeira vez (Colomer, 2017, p.21).

Colomer (2017) nos faz refletir sobre este papel formador e humanizador que a literatura propõe desde cedo às crianças e jovens, papel este que é importante para a ampliação de seus conhecimentos de mundo. O texto literário tem a capacidade de expandir barreiras de experiências de fruição, que vai além do que se tem no cotidiano. Portanto, neste breve panorama sobre a literatura infantil e juvenil brasileira, podemos notar a importância das produções literárias para a educação, não só no modo moralizante, mas também em toda sua forma de estimular o pensamento da criança leitora com criatividade, na busca por uma consciência crítica e humanizadora em relação ao mundo que a cerca.

3 VIDA E OBRAS DE LYGIA BOJUNGA

A escritora brasileira Lygia Bojunga Nunes nasceu em 26 de agosto de 1932, em Pelotas, no Rio Grande do Sul. Quando criança, mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, onde passou a se dedicar ao teatro. Em 1951, a autora participou da Companhia de Teatro, no qual as apresentações ocorriam em algumas cidades do interior. Nesta mesma época ela também atuava como atriz de rádio e fazia participações em programas de televisão, antes de iniciar sua carreira de escritora de livros infantis em 1972.

Em busca de uma vida sossegada e de conexão com a natureza, ela mudou-se para o interior do Rio de Janeiro, e algum tempo depois, juntamente com seu marido, fundou uma pequena escola rural para crianças carentes, chamada a TOCA, que coordenou durante cinco anos (Coelho, 2006). Bojunga foi casada com o inglês, Peter, em 1982, e com isso, mudou-se para Inglaterra, e passou a viver entre a Europa e o Brasil.

A sua criatividade e versatilidade de escritora a levaram para a área da literatura infantil e juvenil. Sua estreia nessa categoria de literatura foi com o livro *Os Colegas* (1972), seguido de *Angélica* (1975); *A Bolsa Amarela* (1976); *A Casa da Madrinha* (1978); *A Corda Bamba* (1979); *O Sofá Estampado* (1980); *O Meu Amigo Pintor* (1984-1987); *Tchau!* (1985) e *Nós Três* (1987). Em sua ampla bibliografia ainda estão presentes: *Fazenda Ana Paz* (1991); *Paisagem* (1992); *O Abraço* (1995); *Feito à Mão* (1996); *A Troca e a Tarefa* (1998); *A Cama* (1999); *O Rio e Eu* (1999); *Retratos de Carolina* (2002); *Aula de Inglês* (2006); *Sapato de Salto* (2006) e *Querida* (2009).

A sua escrita literária e publicações renderam várias premiações como o Prêmio Jabuti de Literatura Infantil de 1972 da Câmara Brasileira do Livro; Prêmio do Instituto Nacional do Livro/MEC; recebeu o Selo de Ouro pela FNLIJ (em 1975, 1976, 1978, 1980 e 1985); e também conquistou em 1982 o prêmio Hans Christian Andersen, concedido pela International Board on Books for Young People, filiada à UNESCO, sendo considerado uma das maiores premiações da categoria da literatura infantil/juvenil. Para Coelho (2006), a autora é “uma das vozes mais ricas da literatura questionadora de mundo que caracteriza o novo na criação literária, Lygia, em cada livro, enfoca um problema específico da existência humana, através das relações fundamentais que estabelecem entre o eu e o outro” (p. 496).

Em seus livros, a autora constrói narrativas que envolvem o interior da criança, utilizando personagens humanos, objetos e também animais que compõem as histórias e são próprios da literatura infantil/juvenil. Bojunga trouxe inovações em suas narrativas, ao romper com os modelos tradicionais e moralizantes, e ao dar voz à infância, integrando fantasia, realidade e crítica social.

Para Zilberman (2005), a autora contribui de forma efetiva para a literatura infantil e juvenil, ao trabalhar com o mundo interior da criança. A escritora possui um estilo que aproxima o texto ao leitor, fazendo com o que o público a ser atingido compreenda a narrativa. A sua obra *A Bolsa Amarela*, chega em um momento em que os autores da época buscavam uma consolidação para a escrita infantil e juvenil, e, ao trabalhar diretamente com a criança e com os seus sentimentos, o livro traz uma nova abordagem enquanto produção literária.

4 IDENTIDADES E PERSONAGENS NO ROMANCE BOJUNGUIANO

Nesta seção, faremos uma discussão segundo as análises de referências bibliográficas que subsidiaram a construção desta pesquisa, a partir de subtópicos que dialogam a respeito da análise da obra *A Bolsa Amarela*, da construção da personagem protagonista, e dos personagens secundários.

4.1 Considerações acerca do livro *A bolsa amarela*

O livro *A Bolsa Amarela* foi publicado pela primeira vez em 1976, sendo a terceira obra literária de Lygia Bojunga Nunes. Esta é uma das obras mais populares da autora, e, de acordo com Coelho (2000), se enquadra em um realismo mágico, pois a realidade e fantasia se diluem, formando uma terceira realidade, sem que isso se torne estranho na vivência dos personagens. Nesta obra, pode-se evidenciar o realismo mágico a partir dos personagens secundários galos Rei/Afonso e Terrível, o Alfinete, a Guarda-chuva, sobre os quais nos debruçamos em nossas análises.

Em *A Bolsa Amarela*, é narrado “o percurso de uma personagem na direção da segurança pessoal e da criatividade” (Zilberman, 2005, p.72), assim Lygia Bojunga nos leva a conhecer a história da personagem e narradora da trama, Raquel, uma menina curiosa e cheia de imaginação. A garota protagonista entra em conflito consigo mesma, após não aceitar os papéis impostos ao seu gênero e idade, e, reprimindo suas vontades, ela guarda dentro de uma bolsa amarela todos os seus desejos. O livro é dividido em capítulos, sendo eles: 1. As vontades; 2. A bolsa amarela; 3. O galo; 4. História do Alfinete de fralda (que mora no bolso bebê da bolsa amarela; 5. A volta da escola; 6. O almoço; 7. Terrível vai embora; 8. História de um galo de briga e de um carretel de linha forte; 9. Comecei a pensar diferente; 10. Na praia.

Logo no primeiro capítulo, a menina torna conhecidas as suas vontades e, assim, introduz o conflito central de sua vida.

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenininha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não agüento mais o meu. Vontade assim todo o mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras - as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida - ah - essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum. Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever (Bojunga, 2010, p.9).

Os desejos da menina são simbólicos, pois ela tem vontade de ser adulta para ser respeitada e ouvida; ser menino porque os homens são cheios de privilégios; e de ser escritora para fugir da realidade em que vivia. Para lidar com toda essa situação, a personagem começou a escrever histórias de sua imaginação e a conversar através de cartas com amigos inventados (André e Lorelai). Ela também escreveu um romance sobre o galo chamado Rei.

Quando as ações da menina são descobertas por sua família, Raquel é indagada sobre suas manias de invenção. A autora apresenta uma personagem comum a muitas crianças de sua mesma idade. Devido à ausência dos adultos da família e o frágil relacionamento entre a protagonista e seus irmãos, a menina se refugia num mundo inventado, onde dar lugar à imaginação é na verdade um exercício de desabafo. Mesmo sendo este um hábito comum, os parentes da garota – representado pela figura dos mais velhos – não apenas questionam a menina sobre a sua mania de invenção, como também invadem a privacidade da pequena escritora, deslegitimando a vontade da garota em não querer revelar aos demais o romance que trazia consigo:

Quando eu voltei do cinema encontrei todo mundo rindo da minha história. Era um tal de fazer piada de galo, de galinha, de galinheiro, que não acabava mais. E o pior é que eles não estavam rindo só da história: tavam rindo de mim também, e das coisas que eu pensava. (Bojunga, 2010, p. 23).

Notamos que a menina se sentiu acuada diante da própria família. No curso da narrativa, entre tantos itens de presentes dados por sua tia Brunilda, Rachel se identifica com uma certa bolsa amarela. Já que ninguém quis a bolsa, pela primeira vez a menina consegue ser contemplada com algum pertence da tia. Esta bolsa é uma conquista para a garota, pois para ela nunca eram dados como presentes os pertences da parenta. A bolsa era muito grande para uma criança, mas Raquel achou o utensílio incrível por ter vários compartimentos, de tamanhos

necessários para guardar suas vontades e também os amigos imaginários que ela mesma criou. A bolsa seria um refúgio e um lugar seguro.

Cheguei em casa e arrumei tudo que eu queria na bolsa amarela. Peguei os nomes que eu vinha juntando e botei no bolso sanfona. O bolso comprido eu deixei vazio, esperando uma coisa bem magra pra esconder lá dentro. No bolso bebê eu guardei um alfinete de fralda que eu tinha achado na rua, e no bolso de botão escondi uns retratos do quintal da minha casa, uns desenhos que eu tinha feito, e umas coisas que eu andava pensando. Abri um zíper; escondi fundo minha vontade de crescer; fechei. Abri outro zíper; escondi mais fundo minha vontade de escrever; fechei. No outro bolso de botão espremi a vontade de ter nascido garoto (ela andava muito grande, foi um custo pro botão fechar). Pronto! a arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades tavam presas na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas (Bojunga, 2010, p.30-31).

Logo então, a protagonista percebe que o galo Rei de sua história está morando em sua bolsa amarela, isto é, o realismo mágico aparecendo na obra. Ele explica que fugiu do seu galinheiro, pois não aceitava ser um líder autoritário e desejava que todos pudessem decidir as coisas juntos. Com isso, ele também resolveu mudar de nome, decidindo chamar-se Afonso (nome este que estava dentro da bolsa), já que não gostava do título de Rei. Afonso e Raquel passam a ser grandes amigos.

Ao decorrer da história, também aparecem outros personagens que participam das aventuras de Raquel. Um deles é o Alfinete de fralda, encontrado pela Raquel na rua, bem sujo e enferrujado. Ela o pegou, limpou e guardou-o dentro de sua bolsa, dando uma nova utilidade para sua vida. Este personagem conta a sua história para a menina, sendo triste, solitário, uma vez que se sentia inútil. A bolsa torna-se cada vez mais um lugar de acolhimento para os excluídos ou rejeitados.

Adiante, aparecem mais dois personagens secundários: a Guarda-chuva mulher e o galo Terrível, primo do galo Afonso. A Guarda-chuva tinha a capacidade de esticar e encurtar, mas acabou sendo enguiçada, e por isso ela falava uma língua diferente que apenas o galo Afonso entendia. O galo Terrível, que também aparece na trama, é um galo de briga que vive sob a pressão de lutar e ganhar, já que tinha seu “pensamento costurado” com uma linha. Terrível estava confuso, pois havia perdido a última briga e precisava vencer a próxima. Temendo que ele se machucasse, na tentativa de salvá-lo, Raquel e o galo Afonso o prendem dentro da bolsa amarela.

A bolsa amarela estava bem pesada com todas as vontades e personagens de Raquel, mas mesmo assim, ela a levou para um almoço em família na casa de sua tia Brunilda. Lá, a

menina mais uma vez sofre com a repressão dos adultos, que a obrigam a fazer “gracinhas” para os convidados, como no trecho abaixo:

Mas agora eu queria ficar quieta comendo amendoim, será que ninguém ia dizer: "deixa: ela não tá com vontade"? Esperei. Ninguém disse. Dancei. Pensando o tempo todo que eles não iam topar dançar pros outros sem vontade nenhuma. Eu suava que só vendo. Não era da dança, não. Suava de nervoso: será que eu ainda ia ter que fazer muita graça? (Bojunga, 2010, p.71).

Raquel por ser a única criança presente no almoço, era tratada como indiferente. Esse tipo de situação que a família a colocava, fazia com que a menina tivesse a ideia de que ser adulta seria mais fácil. Logo depois, seu primo começou a implicar com a sua bolsa amarela, para ver o que tinha dentro, e mais uma vez a menina foi desrespeitada.

E de repente todo o mundo tava lutando pra abrir a minha bolsa. Minha. Minha. Minha! E eu ali sem poder fazer nada. Ah, se eu fosse gente grande! Quem é que ia abrir minha bolsa assim à força se eu fosse grande? quem? E aí a minha vontade de ser grande desatou também a engordar. E quanto mais eu ficava grudada no chão sem poder fazer nada, mais as minhas vontades iam engordando, e a bolsa crescendo, crescendo, já nem pulava mais, só crescia, crescia, crescia (Bojunga, 2010, p.77).

Nesse cenário, a garota ficou com muita raiva e suas vontades dentro bolsa foram engordando. O alfinete vendo aquela situação, resolveu estourar as vontades de Raquel. Todos que estavam presentes no almoço se espantaram com o estouro, e os desejos da garota começaram a murchar. Assim, presenciamos mais uma vez o realismo mágico na obra. De dentro da bolsa saiu o galo Afonso e Terrível, para fingir que aquilo tinha sido uma “mágica”, e nesse momento os galos fogem da casa.

De repente, deu um estouro danado. Estouro no duro. Parecia até que tinha rebentado uma bomba dentro da bolsa amarela. Todo o mundo pulou pra trás. E aí deu outro estouro. Ainda maior. Fiiuuuuuuuuuuuuuuuuuu... A gente começou a ouvir um barulho de balão esvaziando. A bolsa foi emagrecendo, emagrecendo, mas não parava de mexer - a turma lá dentro estava numa agitação incrível. A bolsa emagreceu até ficar do tamanho que era antes; o Alberto então pegou ela pra abrir. E o fecho tava tão zozinho com os estouros que nem se lembrou mais de enguiçar: abriu! O Afonso pulou pra fora. Mascarado. Agarrando o Terrível com força. O Terrível tava um bocado esquisito: bico, asa, pata, tava tudo amarrado com a correntinha da Guarda chuva. O Afonso berrou : - Senhoras, senhores, querido público! Sou um galo mágico. Apreendi uma porção de mágicas com um antigo dono mágico. A Raquel hoje me trouxe a essa distinta casa só pra divertir vocês e fazer a mágica da bolsa que engorda e desengorda. Tá feita. Agora posso ir m'embara.

Vou noutra casa fazer a mágica do galo preso com uma corrente. Tchau! - E saiu mais que depressa, arrastando o Terrível. (Bojunga, 2010, p. 79-80)

Após encontrarem a menina no dia seguinte, Raquel descobre que Terrível havia fugido para brigar na praia. A preocupação tomou conta, e a menina e Afonso foram atrás de Terrível, mas só encontraram o lugar onde ocorreu a luta. A Guarda-chuva que tentou impedir o galo de sair da bolsa, acabou sendo arrastada por ele e estava toda quebrada. Ela conta aos dois que Terrível foi totalmente derrotado e levado embora. Para dar um final à história do galo, Raquel volta a escrever, como no trecho:

Eu tinha dito que nunca mais na vida, até ser grande, eu escrevia outro romance. Mas aquele negócio que aconteceu com o Terrível me deixou tão - sei lá - tão diferente, que eu não parava mais de pensar nele. Quando eu vi já estava escrevendo uma história contando tudo que eu acho que aconteceu no duro (Bojunga, 2010, p.92).

Assim, a menina cria a história de um galo de briga e de um carretel de linha forte. Na nova versão da história de Terrível, o lutador consegue fugir para o mar, pois a linha que estava costurada em seu pensamento arrebenta durante a luta e o galo foge ao invés de morrer, tendo, portanto, um novo desfecho. Afonso, ao assistir de perto a situação de seu primo, finalmente consegue descobrir sua missão, que é “sair pelo mundo lutando pra não deixarem costurar o pensamento de ninguém” (Bojunga, 2010, p.105).

Com a Guarda-chuva quebrada, Raquel e Afonso a levam para a Casa dos Consertos. Lá, eles conhecem Lorelai e sua família, que tinha uma composição diferente da família da narradora. A família de Lorelai vivia de forma igualitária, onde todos contribuíam nos afazeres de casa e nas decisões a serem tomadas. Nesse momento, a menina percebeu um outro modelo familiar, de caráter igualitário, que até então era desconhecido por ela. Raquel, então passou um tempo conversando com seus novos amigos, sentindo-se acolhida, pois a fizeram notar que ser mulher é legal e que ela, mesmo sendo menina, poderia fazer o que quisesse. A Guarda-chuva é consertada e volta a falar normalmente, revelando seu sonho de ser paraquedista. Como ela desenguiça, também apresenta seu verdadeiro nome, “Nakatar Companhia Limitada”, nome da fábrica em que foi feita. Depois de todas essas experiências, Raquel se sentia mais leve e começou a pensar diferente:

Comecei então a achar que ser menina podia mesmo ser tão legal quanto ser garoto. E foi aí que as minhas vontades deram pra emagrecer. Emagreceram, emagreceram, até que um dia pensei: daqui a pouco elas vão sumir (Bojunga, 2010, p.125).

A menina resolveu não esconder mais suas vontades na bolsa, e transformou as vontades de ser menino e ser grande em pipas, soltando-as no céu de uma praia, libertando-se delas. O galo Afonso e a Guarda-chuva também acompanharam Raquel, pois eles também iriam atrás de seus sonhos juntos pelo mundo. A menina passa a se aceitar como é, e se liberta de vez das vontades que sempre a reprimiram, como no trecho:

Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser grande. Elas tinham emagrecido tanto que pareciam até de papel. - Tão aqui. Agora é só pendurar o rabo e amarrar a linha. O Afonso ficou no maior espanto: - Você não vai mais esconder as vontades dentro da bolsa amarela? - Não. Elas viram que eu tava perdendo a vontade delas, então perguntaram se podiam ir embora. Eu falei que sim. Elas quiseram saber se podiam ir que nem pipa e eu disse: "claro, ué". - E a tua vontade de escrever? - Ah, essa eu não vou soltar. Mas sabe? Ela não pesa mais nada: agora eu escrevo tudo que eu quero, ela não tem tempo de engordar (Bojunga, 2010, p.131-132).

Com as vontades livres e a despedida de Afonso e a Guarda-chuva, a bolsa amarela torna-se leve. O Alfinete pediu para ficar com a menina, já que ele era pequeno, não pesava muito e poderia ajudar a Raquel caso as vontades voltassem a crescer. Assim, os dois vão para a casa, com a menina sentindo-se mais confortável. À vista disso, a narrativa criada por Lygia Bojunga nos leva a embarcar na história da menina que busca por sua afirmação como pessoa, e nos faz refletir sobre como a infância merece ser respeitada.

4.2 A construção da identidade de Raquel

A história narrada em *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, gira em torno da personagem Raquel, uma menina sensível e cheia de imaginação, que sofre com a repressão dos seus sentimentos e com as pressões sociais que são impostas. Como foi dito anteriormente, a construção da identidade da menina é marcada por sua busca de afirmação como pessoa e por questionar o que está ao seu redor. De acordo com Coelho (2000),

Na literatura infantil/juvenil, surge a tendência de se substituir o herói individual, infalível, "ser de exceção", pelo grupo, pela patota, formada por meninos e meninas normais. Ou então, por personagens questionadoras das verdades que o mundo adulto lhes quer impor (Coelho, 2000, p.24).

A garota protagonista sempre foi uma questionadora dos papéis pré-estabelecidos na sociedade, e via-se sempre inconformada com a forma que era tratada. Como relata Coelho

(2000), a transição de uma literatura mais tradicional para uma literatura questionadora, que apresenta personagens inquietos, mostra que os seres humanos estão em um processo de formação, tentando compreender as complexidades da vida. É nesse sentido que a protagonista surge como uma menina que busca sua identidade, através da sua imaginação e das suas vontades que estão guardadas dentro da bolsa amarela.

Segundo Landin (2024, p.2), “[...] a construção identitária envolve a concepção de si mesmo, instituída de valores, crenças e intenções que o sujeito internaliza”, isto é, a identidade não é algo herdado ou estático, mas sim um processo social que vai se desenvolvendo e está em constante transformação. A autora ainda complementa

Entendemos que a construção da identidade é um processo inacabado, que se mantém pleno dentro dos sujeitos, que não é hereditária e nem genética, mas que precisa ser desenvolvida, formada e transformada, de acordo com os valores, crenças e cultura de cada ser humano (Landin, 2024, p.2).

Refletir sobre as questões de identidade, nos mostra como a sociedade é complexa e não homogênea. Stuart Hall (2006) define três concepções de identidade que são basilares para compreender o sujeito na modernidade. A primeira é do sujeito iluminista, que corresponde a uma visão individualista, unificada e centrada no ser humano. A segunda é do sujeito sociológico, que reflete sobre a complexidade do mundo moderno, com a ideia de que o indivíduo não é autônomo, mas formado a partir das interações com a sociedade. A terceira concepção, por sua vez, é a do sujeito pós-moderno, fragmentado, não tendo uma identidade fixa, mas sim sendo composto por várias identidades (Hall, 2006).

Nessa configuração, está presente a personagem Raquel, com uma conduta que pode se caracterizar tanto no sujeito sociológico, como também no pós-moderno. A menina revela seu sujeito sociológico ao entrar em conflito consigo mesma, mostrando indignação em relação a sua estrutura familiar tradicional, por não considerarem que a criança tem vontade, e pela sua vontade de ter nascido menino, expondo que na sociedade os meninos têm mais autonomia e poder de decisão. A menina deixa isso claro em uma conversa com o irmão no seguinte trecho:

Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo o mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear que fica burra: todo o mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que - puxa

vida! - vocês é que vão ter tudo. Até pra resolver casamento - então eu não vejo? - a gente fica esperando vocês decidirem. A gente tá sempre esperando vocês resolverem as coisas pra gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina (Bojunga, 2010, p. 16-17).

Pensando na relação da infância e nesse processo de identidade, percebemos que a menina buscava entender esse domínio da figura masculina presente na sociedade. Por conseguinte, o seu sujeito pós-moderno, pode ser evidenciado a partir das suas atitudes e vontades, que estão em constante mudança e que vão se moldando a partir das suas histórias inventadas e pelo convívio que ela passa a ter com uma família de modelo igualitário, isto é, a família de Lorelai.

No início da narrativa, a menina tem suas três maiores vontades que são: de crescer, ser garoto e ser escritora. Ao longo da história, essas vontades vão aumentando e sendo guardadas dentro da bolsa amarela. Os amigos que ela encontra no caminho ajudam a garota a entender esses sentimentos e até se aceitar da maneira que é. Com isso, compreendemos que a construção da identidade da personagem se delineia a partir das suas vivências. Para Hall (2006),

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada" (Hall, 2006, p. 38).

Com isso, a identidade não é algo fixo, mas sim algo processual e fragmentado que constitui os seres humanos. Entendemos que o processo de identidade é contínuo e complexo, sendo assim, o sujeito assume diferentes identidades em variados momentos, e é desse modo que a personagem em análise vai se caracterizando ao longo da obra, pois num primeiro momento, percebemos a resistência da menina em ser criança e também mulher, mas à medida que ela cria, conhece e convive com os demais personagens, sua percepção acerca da própria condição muda. Os personagens são, portanto, mediadores do processo de construção identitária da protagonista, pois ajudam-na a se reconhecer enquanto tal.

Se de um lado temos o modelo patriarcal da família da narradora, que a faz questionar as condições sociais imputadas ao gênero e à condição de ser criança, de outro lado temos a presença de grupos e sujeitos outros que despertam na garota uma concepção diferente daquela que ela estava acostumada a pensar. Esses mediadores mobilizam Raquel rumo a uma desconstrução identitária, chamada de “deslocamento do sujeito” (Hall, 2006, p.09), isto é, as

estruturas sociais consolidadas como referências passam a ser problematizadas pela menina e, consequentemente, seus valores são postos em discussão.

Ao questionar as injustiças sofridas ainda na infância e problematizar os privilégios dos homens – “Vocês podem um monte de coisas”, “todo o mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade” - em várias atividades em detrimento à posição subalterna das mulheres – “a gente fica esperando vocês decidirem” - Raquel passa pelo que Hall (2006) denominou de duplo deslocamento, que é a perda do “sentido em si”. A menina reflete sobre sua posição no mundo cultural/social, além de viver um deslocamento anterior, isto é, uma crise de identidade e desencontro de si mesma: “Eu acho fogo ter nascido menina”. No tópico a seguir, será analisado sobre os personagens que continuam contribuindo nesse processo de identidade de Raquel.

4.3 Os amigos de pena Afonso e Terrível no despertar da consciência

Ao longo da narrativa, a personagem protagonista encontra amigos que misturam realidade e fantasia e ajudam a garota nesse processo de autoconhecimento, possibilitando também compreender o que acontece ao seu redor. Na literatura, e especialmente na infantil e juvenil, “[...] o mágico e o absurdo irrompem na rotina cotidiana e fazem desaparecer os limites entre real e imaginário” (Coelho, 2000, p.26), ou seja, a literatura possui ferramentas capazes de ultrapassar os limites que se tem do real, e com isso, se aprofundar em questões que a simples razão não consegue explicar, como acontece com o galo Rei/Afonso que estava no romance e depois aparece na bolsa amarela. Coelho (2000) ainda ressalta que

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... (Coelho, 2000, p.27).

A obra literária possui uma função essencial na formação das crianças, e com isso, propõe aos leitores possibilidades para interpretar, compreender e questionar o mundo ao seu redor. A literatura infantil/juvenil, através da fantasia, permite que os indivíduos tenham outros modos viáveis de encarar a vida real. Ao lermos a obra, percebemos que a realidade e a imaginação andam lado a lado, propiciando aos leitores uma aventura fundamental para compreendermos o universo infantil.

Em *A Bolsa Amarela*, um dos personagens secundários marcantes da trama é o galo Afonso, conhecido num primeiro momento como galo Rei, criado no romance escrito por Raquel. Este personagem decide morar na bolsa amarela, tornando-se uma das primeiras pontes que Raquel cria entre o real e o imaginário. Ele em especial tem uma personalidade sensível, questionadora, inconformada com certos papéis que a sociedade impõe e passa a história toda a lutar por uma ideia.

Contrariando as expectativas para o cargo que lhe foi incumbido, o galo Rei se destaca justamente por se recusar a exercer a função de chefe do galinheiro. Na concepção dele, todos têm o direito de decidir as coisas:

[...] desde pequenininho eu sonhava com um galinheiro legal, todo mundo dando opinião, resolvendo as coisas, achando furada essa história de um galo mandar e desmandar a vida toda[...] Não quero mandar sozinho! Quero um galinheiro com mais galos! Quero as galinhas mandando junto com os galos! (Bojunga, 2010, p.36).

Por isso ele foge do galinheiro e acaba na bolsa amarela. A sua mudança de nome – de Rei para Afonso – representa sobre sua nova personalidade, em busca por uma vida simples, sossegada e igualitária, mostrando indignação com os papéis pré-estabelecidos para homens e mulheres na sociedade. A origem do nome Afonso, segundo o site de Dicionário de Nomes, vem do germânico *Adalfuns*, composto por *Adal* (nobre) e *funs* (preparado, pronto, disposto), significando “Nobre preparado, pronto para a batalha”, assim como o galo Rei que resolveu se chamar Afonso.

O personagem torna-se um grande companheiro de Raquel, participando de todas as suas aventuras e em busca da sua ideia. Diante disso, observamos que os dois, desde cedo, são conduzidos a posições e espaços que não os agradam, assim, personificam na obra duas personalidades questionadoras em relação às pressões externas. Depois de encontrar seu primo Terrível – o de “pensamento costurado” – Afonso encontra finalmente sua ideia, que é lutar para não deixar costurar o pensamento de ninguém (Bojunga, 2010).

O galo Terrível, por outro lado, é o personagem da história que só pensava em ganhar lutas. Ele sofre com o “pensamento costurado”, pois não conseguia pensar diferente e vivia sob pressão para agradar seus donos. O galo Afonso contou para a Raquel, sobre a história de Terrível, no trecho:

Desde pequenininho que resolveram que ele ia ser galo de briga, sabe? do mesmo jeito que resolveram que eu ia ser galo-tomador-conta-de-galinha.

Você sabe como é esse pessoal, querem resolver tudo pra gente. E aí começaram a treinar o Terrível. Botaram na cabeça dele que ele tinha que ganhar de todo mundo. Sempre. Disseram até, não sei se é verdade, é capaz de ser invenção, que costuraram o resto do pensamento dele com uma linha bem forte. Pra não rebentar. E pra ele só pensar: “eu tenho que ganhar de todo mundo”, e mais nada (Bojunga, 2010, p. 55-56).

O galo Terrível sofria com os abusos de autoridade por parte dos donos. Enquanto o galo lutava, os donos lucravam. Após perder a última luta, Raquel decide dar uma nova versão para sua história, onde o galo seria livre do pensamento costurado e viveria sossegado. Dessa maneira, através de Terrível, é perceptível que mesmo o galo sendo do gênero masculino, ele também sofre com opressões. Esta percepção não é especificamente revelada por Raquel, mas pode ser facilmente interpretada pelos leitores da obra. O galo Afonso, por sua vez, revela para a menina a importância de lutar por suas próprias ideias, mesmo quando os que estão a seu redor tentam impor ou contrariar seus pensamentos. Para Cademartori (2010),

Se o homem se constitui à proporção da formação de conceitos, a infância se caracteriza por ser o momento basilar e primordial dessa constituição, e a literatura infantil pode ser um instrumento relevante de formação conceitual, mas oferece, na mesma medida, elementos que podem neutralizar a manipulação do sujeito pela sociedade (Cademartori, 2010, p.24).

Dessa forma, o indivíduo se desenvolve à medida que delineia suas ideias e conceitos, e a infância é um momento essencial para essa estruturação. Conforme Cademartori (2010), a literatura destinada às crianças, mostra-se, então, como um instrumento valioso na formação dos pequenos, uma vez que ela fornece caminhos para que os sujeitos não sejam seres pré-moldados ou controlados pelas pressões do meio social. Com a leitura de *A Bolsa Amarela*, observamos que a literatura infantil e juvenil possibilita que os leitores criem uma consciência de compreender e interpretar o que acontece ao seu redor.

4.4 Entre remendos e espetadas: a Guarda-chuva mulher e o Alfinete

A personagem guarda-chuva e o Alfinete também são importantes na história de Raquel. Diferentemente da menina, a Guarda-chuva gostava de ser mulher, na hora de ser fabricada, fez sua própria escolha. Assim, tornou-se a mais pequena, feita de seda rosa florida, com capacidade de esticar e encurtar. Ao ouvir a história contada por ela, Raquel também pensou

“que eu também queria ter escolhido nascer mulher: a vontade de ser garoto sumia e a bolsa amarela ficava muito mais leve de carregar” (Bojunga, 2010, p.48).

Assim, com o que foi exposto até aqui, notamos que Raquel tinha receio de se aceitar como mulher devido a todo privilégio que os homens têm na sociedade. Segundo Eluf (2006),

Durante muito tempo, as diferenças biológicas foram usadas para inferiorizar a mulher. O fato das mulheres terem o corpo diferente dos homens foi interpretado como um sinal de fraqueza física e de incompetência intelectual. Criou-se, então, um sistema em que metade da população humana, a parcela feminina, foi considerada incapaz de cuidar de seu próprio corpo, de seus desejos, de seus negócios, enfim, de sua vida. As mulheres foram subjugadas e o poder masculino passou a ser exercido com toda a intensidade. As diferenças biológicas foram usadas para prejudicar as mulheres (Eluf, 2006, p.13).

Devido a toda base histórica e social de preconceito contra a mulher, as características físicas foram distorcidas para justificar esse sistema de opressão. Como a autora Eluf (2006) pontua, as mulheres são inferiorizadas e sofreram com muitas injustiças apenas por serem quem são. Raquel, por viver em uma sociedade machista e patriarcal, teme por certas regalias e liberdades que são destinadas aos homens, como observamos no trabalho de Lizandra Lima de Souza; Jaquelânia Aristides Pereira e Maria Valdenia da Silva (2019).

Na obra, a Guarda-chuva inicia o processo de aceitação e de construção da identidade da menina, ao mostrar que ela havia escolhido ser quem era, expõe uma versão até então desconhecida, de que ser uma figura feminina também tem seus valores e seria interessante. Dessa maneira, ela ensinou a garota a se aceitar mais como ela era e, ao revelar seu sonho de ser paraquedista, mostrou também à importância da coragem de lutar pelos seus propósitos.

Outro personagem que aparece na trama de forma sutil, mas que mostra muita coragem, é o Alfinete. Ele se comunicava com a menina com riscos em sua mão, e antes de Raquel encontrá-lo na rua, sentia-se inútil. Raquel de certo modo sentia-se como o Alfinete, por não ser considerada útil e pertencente ao ambiente familiar em que vivia. Desde que a menina nasceu, ela percebia que estava sobrando na família, pois eles não davam atenção necessária para a criança. Em uma de suas invenções e da sua vontade de ser escritora, ela escreve uma carta para seu amigo imaginário André, e conta um pouco da sua relação com os parentes,

Querido André: Quando eu nasci, minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo o mundo já é bem grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: "A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe já

não tinha mais condições de ter filho." Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é? Um dia perguntei pra elas: "Por que é que a mamãe não tinha mais condições de ter filho?" Elas falaram que a minha mãe trabalhava demais, já tava cansada, e que também a gente não tinha dinheiro pra educar direito três filhos, quanto mais quatro. Fiquei pensando: mas se ela não queria mais filho por que é que eu nasci? Pensei nisso demais, sabe? E acabei achando que a gente só devia nascer quando a mãe da gente quer ver a gente nascendo. Você não acha, não? (Bojunga, 2010, p. 11-12).

Percebendo essa situação da família, a menina não se sentia útil naquele lugar, tal como o Alfinete. Através da identificação, percebemos um movimento de construção identitária da protagonista. Quando Raquel o ajuda, dando-lhe uma utilidade, e quando ele mesmo espeta as vontades dela que estão crescendo dentro da bolsa, o personagem em questão percebe sua relevância. Ele revela sobre a importância de valorizar as coisas simples e sobre dialogar a respeito dos sentimentos reprimidos para que eles não sufoquem.

4.5 O modelo igualitário da família de Lorelai na Casa dos Consertos

A obra literária tem a capacidade de transformar seu modo de enxergar a vida, uma vez que permite aos leitores viajar por outros mundos apenas com a leitura. Para Cademartori (2010),

A obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. Veículo do patrimônio cultural da humanidade, a literatura se caracteriza, a cada obra, pela proposição de novos conceitos que provocam uma subversão do já estabelecido (Cademartori, 2010, p. 23).

Sendo assim, em *A Bolsa Amarela*, conhecemos a história de Raquel, esta menina inventora, que vê na imaginação uma forma de escape da realidade em que vive. Ao longo da narrativa, ela faz algumas amizades e dentre os amigos também estão Lorelai e sua família, composta pelo pai, mãe e avô, que moram na Casa dos Consertos. Nesta residência, a menina encontra algo que até então eram sentimentos e sensações desconhecidas: harmonia e união familiar.

A menina que mora na Casa dos Consertos, Lorelai, gostava de ser garota. Sua família vivia de forma igualitária, pois todos participavam das atividades de casa, como cozinhar, estudar, consertar as coisas, sem ter alguém específico para desenvolver cada atividade. Esta família é muito diferente da família de Raquel, pois sua família tinha um “chefe” (seu pai) e

crianças não eram respeitadas, nem tinham direito de escolha. Tudo isso suscita alguns questionamentos na menina.

É o chefe da casa. Quem é? Teu pai ou teu avô? - Mas pra que que precisa chefe? - Pra resolver os troços, ué; pra resolver o que é que cada um vai estudar. - Cada um estuda o que gosta mais. Tem livro aí; a gente escolhe o que quer. O vovô agora tá estudando teatro de bonecos: ele vai fazer um lá na praça. - Mas... e o resto? - Que resto? - Não tem sempre uma porção de coisas pra resolver? Quem é que resolve? - Nós quatro. Pra isso todo dia tem hora de resolver coisa. Que nem ainda há pouco teve hora de brincar. A gente senta aí na mesa e resolve tudo que precisa. Resolve como é que vai enfrentar um caso que a vizinha criou; resolve se vai brincar mais do que trabalhar; ou estudar mais do que brincar; resolve o que é que vai comer; quanto é que vai gastar em roupa, em comida, em livro; resolve essas transas todas. Cada um dá uma idéia. E fica resolvido o que a maioria acha melhor. - Você também pode achar? - Claro! eu também moro aqui, eu também estudo, eu também cozinho, eu também conserto. Aqui todo o mundo acha igual (Bojunga, 2010, p.113-114).

A garota vivia sob um modelo de patriarcado familiar, como já revelaram os estudos de Souza e Silva (2019). Assim, ela conhece outro modelo de família, que tem como base o diálogo, e a partir daí aprende que nem tudo é igual e poderia ser feliz do jeito que é. Esta família da Casa dos Consertos ajuda Raquel a reconhecer que ser menina pode ser tão bom quanto ser menino, e, assim, a vontade de ser garoto finalmente muda, e ela passa a se aceitar como é.

Pra ser franca, até que curti. E, por falar em curtição, puxa vida, como a mãe da Lorelai curti ser mulher; e como a Lorelai curti ser menina. Ela achava que ser menina era tão legal quanto ser garoto. Quem sabe era mesmo? Quem sabe eu podia ser que nem a Lorelai? (Bojunga, 2010, p.113-114).

Nessa perspectiva, percebemos que a narradora começa a pensar diferente, principalmente sobre ser menina e criança. A garota compreendeu que o sentimento que tinha a respeito de si mesma havia sido causado pela forma indiferente e opressiva que os seus familiares a tratavam. Dessa forma, é notório como os ambientes em que vivemos interferem nas nossas decisões e nosso modo de enxergar o mundo. Conforme Landin (2024),

Diferentes contextos levam os sujeitos a diferentes significados sociais, o que, conseqüentemente, gera diferentes identidades envolvidas em diferentes ocasiões, que podem levar o mesmo sujeito a se sentir diferentemente posicionado pelas diversas expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas situações (Landin, 2024, p.8-9).

Percebemos, portanto, como o processo da identidade é mutável, e se constrói pelo meio social em que o indivíduo está situado. Nesse contexto, Raquel tem a possibilidade de construir uma outra versão sobre si mesma. Através da Casa dos Consertos, a menina transforma seus pensamentos e descobre que os adultos não são complicados como ela achava que eram: “E eu fiquei achando que gente grande não era uma turma tão difícil de entender que nem eu pensava antes” (Bojunga, 2010, p. 115). Esta família desconstrói os pensamentos que a reprimiam, e no final da narrativa a garota se liberta das suas vontades, melhor, ela metamorfoseia e reconstrói suas perspectivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste presente estudo, buscou-se analisar uma das obras mais marcantes e conhecidas de Lygia Bojunga, *A Bolsa Amarela*, ganhadora da medalha Hans Christian Andersen, umas das premiações mais importantes da categoria de literatura infantil e juvenil. A autora costuma explicar em suas narrativas questões que tratam sobre o meio social e histórico, do real e fantástico, como podemos ver na obra em cotejo.

Ao longo da pesquisa, procurou-se compreender como os personagens secundários desta narrativa contribuíram nessa jornada identitária e de autoconhecimento da personagem Raquel. Buscamos ainda tecer um breve histórico da literatura infantil e juvenil brasileira, desde Monteiro Lobato a Lygia Bojunga, ambos os autores que marcaram o cenário desta categoria de literatura.

Diante de tudo o que foi exposto, podemos entender como os personagens secundários – o galo Rei/Afonso, galo Terrível, a Guarda-chuva, o Alfinete, e Lorelai e sua família da Casa dos Consertos – foram essenciais nessa jornada de autoconhecimento e construção identitária da protagonista. Através deles ela consegue superar barreiras e mostrar a força e a determinação que uma criança pode ter por meio da imaginação e da realidade. A autora Lygia Bojunga, nesta obra, mostrou o lado interno de uma criança, trazendo reflexões de como o momento da infância é um capítulo da nossa vida que merece atenção e cuidado.

Assim, a identidade da personagem principal não é estática, mas algo que se constrói ao longo de suas vivências (Hall, 2006). A menina mistura realidade com fantasia e vai moldando sua personalidade a partir desses aspectos, indo em rumo a sua afirmação como pessoa. No início, ela possuía uma identidade invisível aos olhos dos adultos, pois fazia parte de uma estrutura familiar que silenciava sua infância. A bolsa amarela foi sua forma de resistência para enfrentar as suas três grandes vontades. E, então, no final da história, Raquel tem uma

identidade mais leve, pois se liberta do que tanto a reprime, que são as aceitações das inverdades construídas socialmente.

Com este trabalho, mostrou-se que a literatura, e em especial na infantil e juvenil, desempenha um papel importante para a compreensão do processo de identidade. Nesse sentido, é perceptível que a análise de *A Bolsa Amarela* possibilitou explorar sobre as camadas de construção identitária que a infância possui, colaborando ainda para o entendimento do imaginário infantil.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. **A Bolsa Amarela**. 35 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2010.

BORDIGNON, Aline Chaves. **A representação da infância na obra “A Bolsa Amarela” de Lygia Bojunga**. 2023. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Foz do Iguaçu, 2023.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. 3 ed. São Paulo; Ática, 1985.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos, 163).

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira**. 5. ed. rev. atual. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise e Didática**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil Atual**. Tradução de Laura Sandroni. 1. ed. São Paulo: Global, 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DURÃO, Fábio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. **D.E.L.T.A.**; v.31, n. especial, p. 377-390, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445014919759499939>.

ELUF, Luiza Nagib. Lugar de mulher é na cozinha? In: PINSKY, Jaime (Org.) **12 faces do preconceito**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.13-18.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LANDIN, Eliza Alves. Identidade como construção social. **Revista Educação & Ensino**, Fortaleza, v.8, p. 1-15, 2024.

SEBASTIANY, Vanessa Weber. A bolsa que carrega um mundo: a imagem da bagagem em A bolsa amarela, de Lygia. Revista **Memorare: Narrativas & Imagens da/na infância**. Tubarão, v. 10, n. 1, mai./out. 2023. ISSN: 2358-0593.

SOUZA, Lizandra Lima de; PEREIRA, Jaquelânia Aristides; SILVA, Maria Valdenia da. A desconstrução de discursos patriarcais em A bolsa amarela, de Lygia Bojunga Nunes. **Revista e-crita**, Nilópolis (RJ), v. 10, n. 1, p. 63-76, jan./abr. 2019.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.